

CRÓNICA INTERNACIONAL

Novos aspectos da luta operária em Inglaterra

A organização dum corpo oficial de *furadores* de greves; o reconhecimento oficial das associações fascistas pelo ministério do interior e a última repressão exercida contra os elementos da ala esquerda do proletariado, não devem ser consideradas como atitudes arbitrárias dum ministro, o sr. Hicks, mas como o síntoma do agravamento da luta de classes em Inglaterra e como a manifestação de intuições bem claras e definidas da burguesia inglesa para tudo preparar para a luta próxima. O fim da luta dos operários mineiros, obtida graças à acção do subsidio concedido à indústria carvoeira, foi considerada por todos os partidos, não como uma solução mas como um adiamento do conflito, até ao momento em que os proprietários das minas e com eles todo o capitalismo, estejam melhor preparados para a luta contra o proletariado inglês. Desde que a solidariedade operária fez fracassar o seu ataque contra os salários dos mineiros, as forças da reacção entregam-se a porfiosos e urgentes preparativos. E no entanto o partido trabalhista, ou melhor, os seus *leaders* da direita, pretendem combater o fascismo ridicularizando-o, isto é, não o tomando a sério. E, no entanto, o caso é mais grave do que muitos julgam.

Os centros oficiais do partido trabalhista parecem temer que, apesar de todos os seus esforços, os actos do governo acabarão por torçar os operários a compreender que cedo ou tarde deverão opor-se ao emprego da violência capitalista. Foi este receio que levou sobretudo Mac Donald a escrever ao *Times* uma carta na qual dizia que não seria preciso combater a revolução no Congresso de Liverpool se ela continuasse a ser engendrada no seio do próprio governo.

O antigo chefe do governo Mac Donald queria dizer na sua carta que ele era um melhor contra-revolucionário que o ministro do interior do governo do sr. Baldwin.

O governo conservador pode no entanto justificar as suas medidas de violência contra os trabalhadores, pelos precedentes fornecidos pelo partido trabalhista quando ocupou o poder. Foi afinal o que fez o ministro do interior, Joyson Hicks que, no mesmo dia em que veio publicada no *Times* a carta de Mac Donald declarava em Liverpool:

«Os planos elaborados e executados por nós contra os revolucionários são aqueles que nos transmitiram os nossos antecessores nos governos, os mesmos que Henderson e o coronel Wedgwood usaram.»

Quer dizer: segundo o testemunho de Hicks, o governo Baldwin prossegue a política de repressão de Mac Donald a respeito do movimento operário esquerdista. O testemunho de Vandervelde é também inuspeito. Ora este correligionário de Mac Donald dizia há pouco no jornal *Dépêche de Toulouse*:

«A última vez que vi Mac Donald ele afirmou-me a sua inabavel resolução de acabar de uma vez por todas com as tendências revolucionárias quer no movimento trade-unionista, quer no Labour Party.»

O governo conservador foi encorajado, se não levado, pela atitude da ala direita do partido trabalhista a exercer as recentes perseguições aos operários revolucionários, é o que facilmente se depreende.

Felizmente, uma fecunda e animadora reacção se está efectuando nos meios operários contra a atitude do governo e dos seus cúmplices. Numerosos pelestos partem de toda a parte, dos sindicatos de metalúrgicos, dos mineiros, etc. E até mesmo o *Independent Labour Party* comunicou a todas as secções locais que deviam intervir em toda a parte protestando

contra a política perseguidora do governo Baldwin.

Não há dúvidas. As primeiras perseguições do governo conservador efectuadas o mês passado contra alguns dirigentes do movimento operário inglês não tinham outro fim senão apalpar o terreno e prepararem tudo para uma acção de maior envergadura que enfraquecesse o movimento sindical. A verdade é que depois do triunfo dos mineiros e das decisões do congresso sindical de Scarborough, o capitalismo inglês receia pela sua tranquilidade. E tem razões para isso. Hoje é na Inglaterra que reside a melhor possibilidade duma revolução proletariana.